

O TRABALHO DO PROFESSOR COMO AGENTE LETRADOR EM TURMAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Flávia Campos Cardozo (UFRRJ)

flaviac.cardozo@hotmail.com

Marli Hermenegilda Pereira (UFRRJ)

Thatiana do Santos Nascimento Imenes (UFRRJ)

thatysn@hotmail.com

RESUMO

Esta comunicação privilegiará divulgar o início de uma pesquisa voltada para o trabalho com leitura em turmas de 6º ano em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, tendo como base a concepção do professor que atue em sala de aula como mediador na construção e formação de sujeitos leitores autônomos. Sendo assim, vamos mostrar a importância da leitura tutorial nesta etapa do ensino fundamental como estratégia de mediação na construção de práticas pedagógicas que busquem uma melhor compreensão textual analisando as dimensões sintática, semântica e pragmática do texto trabalhado. Desta maneira, a leitura deve ser vista como um processo em que nele participam professor e alunos envolvidos nos eventos de letramentos construídos a partir da compreensão leitora.

Palavras-chave:

Letramento. Ensino. Autonomia do aluno. Professor mediador. Compreensão leitora.

1. Introdução

O presente trabalho surge a partir de uma pesquisa em andamento sobre o desenvolvimento da leitura em turmas do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro orientada pela professora Doutora Marli Hermenegilda Pereira. Tomamos por base a definição de professor como agente letrador defendida por Stella Maris Bortoni-Ricardo, Veruska Ribeiro Machado e Salette Flôres Castanheira que, segundo as autoras “todo professor é por definição um agente de letramento” (2013). Acreditamos que, como definem as autoras acima, o professor precisa adquirir a consciência do seu importante papel de mediador na sala de aula. Assim, todo professor deve ser um agente no processo da construção da leitura produtiva mediando o desenvolvimento da compreensão leitora de seus alunos.

Apesar de reconhecer a difícil tarefa de conseguir dar conta da complexidade do significado de letramento em uma única definição, Soares (2009) conceitua como “resultado da ação de ensinar e aprender as

práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2009, p. 39)”.

Desta maneira, letramento se relaciona à função social da leitura e da escrita. Então, torna-se letrado a pessoa que amplia as habilidades não somente de ler e de escrever, como também, de utilizar leitura e escrita como prática na sociedade. Assim, letramento é algo que vai além da alfabetização e as escolas, como uma das principais responsáveis em desenvolver os níveis de letramento dos indivíduos, devem criar estratégias pedagógicas que vão além da alfabetização dos alunos, ou seja, ensiná-los muito mais que decodificar as palavras, e sim inseri-los nos diferentes processos de leitura produtiva, para que possam ampliar cada vez mais, a cada etapa dos anos escolares, seus níveis de letramento.

Como justificativa a essa proposta, vamos destacar neste trabalho uma das propostas dos PCN com relação à leitura, a importância da conscientização de uma pedagogia nas escolas voltada para essa modalidade e o uso da estratégia da leitura tutorial em turmas do 6º ano.

2. Os PCN e a pedagogia da leitura

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), a leitura é destacada como um importante processo em que o leitor vai atuando diretamente na construção do conhecimento do texto. Para os PCN a leitura:

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...] não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão. (BRASIL, 1998, p. 41)

Desta maneira, para os PCN “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes” (BRASIL, 1998, p. 40). Assim, o trabalho com a leitura deve ser dirigido como um processo coletivo e não individual, no qual leitor (aluno), autor e professor (mediador) atuam conjuntamente na construção da compreensão leitora.

Nesse sentido, para Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2013) o trabalho na escola deve estar pautado numa pedagogia da leitura em que todos os professores, não só da disciplina de língua portuguesa, mas de todas as outras, desenvolvam sua aulas a partir da leitura como um processo onde todos participem da construção do conhecimento.

Em muitas escolas brasileiras temos uma educação voltada unicamente para a transmissão de conteúdos e regras, não levando os alunos a refletirem sobre o que estão aprendendo ou relacionando com suas próprias vivências e práticas na sociedade. A pedagogia da leitura surge em contraponto a tudo isso, numa perspectiva de reflexão, compreensão e análise sobre o que se está aprendendo. A leitura deve partir de um evento de letramento construído na sala de aula, fazendo o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos e inserindo-os no contexto da leitura a partir das inferências que serão alcançadas numa reflexão coletiva sobre o texto analisado.

3. O trabalho com o 6º ano e a estratégia da leitura tutorial

O ensino no sexto ano do ensino fundamental deve ser baseado em estratégias que busquem a participação coletiva da turma. Esta etapa do ensino é marcada, em muitas escolas públicas brasileiras, por apresentar no início do ano letivo alunos que conseguem em muitos casos decifrar os códigos linguísticos realizando a leitura dos textos sem necessariamente compreender o que de fato estão lendo. Muitos alunos chegam a esta fase com baixos níveis de letramento em relação ao que seria esperado como habilidade para essa fase.

Neste sentido, para desenvolver a autonomia do educando e aprimorar sua compreensão leitora, é fundamental que o professor utilize estratégias que valorizem a linguagem e a interação na sala de aula.

Bortoni-Ricardo (2003) destaca o conceito de medição que derivou da psicologia de Vygotsky (1998) no que se refere à zona de desenvolvimento real e proximal na qual o indivíduo adquire um nível superior de desenvolvimento cognitivo.

No que se refere ao desenvolvimento da leitura, a autora e suas companheiras destacam o conceito metafórico de andaime “que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz” (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2013, p. 26). Portanto, destacamos a estratégia da leitura tutorial explanada por essas autoras como uma forma de mediação do professor como agente letrador. Segundo elas, nessa leitura o professor seria mediador intervindo adequadamente para desenvolver a capacidade de leitura dos alunos, explorando ao máximo o texto nas suas dimensões sintático, semântico e pragmático.

Assim, o professor mediador deve estar atento para no momento certo da leitura tutorial poder fornecer a explicação necessária que dará subsídio para o aluno alcançar outro conhecimento.

4. Considerações finais

Esse trabalho procurou destacar a importância do trabalho com a leitura tutorial em turmas do 6º ano, principalmente em muitas realidades que encontramos nas escolas públicas. O aluno nesta fase precisa participar, interagindo diretamente com o texto, com o professor e com o contexto dentro e fora da sala de aula.

Desta maneira, para desenvolver o processo da compreensão leitora e da autonomia é fundamental a participação dialógica e crítica perante aos eventos de letamentos construídos na sala de aula. Assim, é preciso construir uma pedagogia da leitura em que todos os professores façam parte desse processo de construção crítica do conhecimento a partir de uma leitura mediada, levando em consideração as inferências, os contextos envolvidos e o aumento cada vez mais do nível de letamento dos educandos.

Por conseguinte, a compreensão leitora deve ser um dos principais objetivos em sala de aula, pois o professor como agente letrador consegue, a partir dela, levar seus alunos a alcançarem os mais diversos tipos de conhecimentos que passam por questões não só de conteúdos disciplinares, mas por dimensões além do texto, ou seja, de uma compreensão literal para uma compreensão inferencial – sendo assim capazes de ler e apreender diversos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FERNANDES DE SOUSA, Maria Alice. *Andaimes e pistas de contextualização: um estudo do processo interacional em uma sala de alfabetização*.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2009.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* 19. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad.: Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antonio. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artimed, 1998.